

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

**A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas**

LUZIA DA SILVA

**Belo Horizonte
Minas Gerais**

Traços Biográficos

LUZIA DA SILVA

Nasceu em Campo Belo, oeste de Minas Gerais, em 17 de dezembro de 1940. Filha única terminou o Curso Normal em 1960. Sua vivência na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) é a partir de 1962, quando iniciou o curso e se estende até os dias atuais.

Foi aluna da primeira turma com exigência de 2º grau completo para ingressar no curso de enfermagem. Relata as mudanças no cotidiano das alunas para cumprir as exigências da Lei de Diretrizes e Bases, de 1961. Fez estágio no Hospital Municipal e no Hospital das Clínicas.

Descreve as normas rígidas do internato bem como o relacionamento entre as alunas e delas com a Irmã Clarízia.

Por serem somente três alunas a concluir o curso, em 1964, não organizaram nenhuma festividade. Apenas se reuniram com a diretoria para colação de grau e avaliação do curso.

Iniciou sua carreira docente na Escola de Auxiliar de Enfermagem das Pioneiras Sócias no Hospital Sara Kubitschek, em Belo Horizonte. Em 1966 ingressa na EECC, onde teve uma atuação marcante como docente, principalmente na área de saúde pública. Atuou como docente em hospitais como o das Clínicas, São Francisco e Odilon Bherens, acompanhando alunos na disciplina Médico-Cirúrgica. Detalha como foi o segundo convênio entre a EECC e o Hospital Municipal Odilon Bherens.

Trabalhou na Escola Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro acompanhando as alunas da EECC, e posteriormente em centros de saúde pública de Belo Horizonte. Fez especialização em Saúde Pública na USP (São Paulo).

Em 1976 foi coordenadora do Centro de Extensão e Pesquisa (CENEX). Participou do Projeto Trans-setorial de Ação Comunitária (PTAC). Participou da implantação do curso de Especialização em Saúde Pública, em 1989, incorporando as experiências do curso de Habilitação e, em 1991, do Programa de Desenvolvimento em Enfermagem (PRODEN). Relata que tinha a utopia de capacitar todos os enfermeiros do estado de Minas Gerais

Aposentou em 1994, porém continuou atuando no projeto de Educação Continuada do PRODEN 2.

Relata que considerando o avanço tecnológico, as mudanças ocorridas na enfermagem são bastante lentas.

SUMÁRIO

FITA 1, LADO A

Referência a sua origem; a matrícula na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC); a suspensão do curso na Escola de Enfermagem Hugo Werneck; a prova de seleção na EECC; o primeiro ano do curso superior na EECC; o curso de "pica-couve"; a visão positiva em relação a enfermagem naquela época; relato da infância e adolescência tranquilas; o não preenchimento das vagas devido a exigência do segundo grau completo; a proteção que a escola proporcionava as cinco alunas do curso superior; o cotidiano no internato da avenida Alfredo Balena; as aulas prática e teórica; o acompanhamento da professora Carmen Dolores Mesentier durante as aulas teóricas; as aulas de técnica de enfermagem e o material didático; a utilização e a localização da biblioteca na EECC; as aulas de patologia; sobre os diretórios acadêmicos.

FITA 1, LADO B

A greve do "1/3" do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e a participação dos professores da parte teórica; o que os alunos ficaram fazendo no hospital durante a greve; a primeira vez que aplicou injeção intramuscular; o relacionamento de dona Rosa de Lima Moreira com as alunas; os estágios nas clínicas especializadas; descrição humorística e detalhada de todas as peças do uniforme da época; as aulas de Ética e História da Enfermagem; sobre o relacionamento com a irmã Emília; a reivindicação e justificativas das alunas para mudança da meia e retirada da touca; o uniforme de Saúde Pública e de gala; o que mudou no cotidiano das alunas após o curso passar para nível superior; a relação com os alunos da medicina; sobre o internato.

FITA 2, LADO A

Motivo da suspensão de uma aluna; o dia a dia no internato; a área física do 3º andar; como as alunas entravam no internato após o horário; horário dos estágios; a rotina "doméstica" no internato; o local de namoro dentro do internato e demais dependência do segundo andar; a questão da lavagem das roupas das alunas; o isolamento de uma aluna com hepatite; a capela; sobre o relacionamento com irmã Clarízia; a interferência da professora Alaíde na questão de plantão noturno com um paciente; a articulação das alunas para conseguirem fazer curso de

especialização na USP; a participação da funcionária Lygia e a bolsa da CAPES; o estágio de saúde pública em comparação aos anos anteriores; o período de revolução de 64 e a falta de atuação política da escola de enfermagem; sobre estágio extracurricular; as professoras e a irmã Clarízia; o despreparo das professoras.

FITA 2, LADO B

A bandeja e o papel de radiografia que utilizavam para identificação e distribuição de medicação e uma medicação administrada erroneamente; os processos de transcrição e de administração de medicamentos; a obrigação das alunas em ceder o lugar para os médicos sentarem; a contestação das alunas diante das normas imposta; a reunião de avaliação do curso com o corpo docente e da irmã Clarízia; o apoio da professora Carmelita e o livro dado de presente as formandas; a formatura sem solenidades; a insatisfação em relação a anexação da escola à Faculdade de Medicina; as condições da entrada da escola; a dificuldade de relacionamento com a irmã Clarízia; as normas do internato e o curso de saúde pública na USP; os estágios estruturados em saúde pública e a integração com o curso de obstetrícia; o estágio rural; avaliação do curso; referência à professora Salomé Curi;

FITA 3, LADO A

Sobre o DA da escola de enfermagem e as relações com os presidentes do DA da Medicina e com o DCE; complementa informações anteriores sobre a convivência com as alunas do 2º e 3º ano de enfermagem; a intensificação das aulas práticas a partir do 2º ano; conteúdos das aulas de Ética e da História da Enfermagem dadas pela irmã Clarízia; o controle sobre as “3” de sua turma; a união das “3”; o convite para as “3” para lecionarem na Escola de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Sara Kubitschek; o convite para lecionarem na EECC; a estruturação do 4º ano (opcional) de Saúde Pública; os professores convidados para compor o corpo docente do curso; a disciplina Didática; a organização do estágio do curso e do estágio na Fundação SESP, na cidade de Pirapora; financiamento do curso; alunas do curso; organização do Hospital Municipal de Belo Horizonte e a participação de enfermeiras do Estado e da EECC; o convênio com a EECC; alunos bolsistas e estágio extracurricular; a questão administrativa e financeira do convênio; o 4º ano opcional semelhante à Habilitação; a facilidade que teve em atuar em área hospitalar e o currículo; as primeiras atividades profissional; as interferências da EECC no Hospital Municipal; a questão administrativa do quadro de pessoal; a necessidade de aumentar o quadro de pessoal; a terceirização e as

mudanças ocorridas em relação ao pessoal e às alunas do 3º ano; a 1ª chefe do Serviço de Enfermagem do Hospital Municipal; a nova estrutura do 4º ano de Enfermagem em Saúde Pública.

FITA 3, LADO B

Continuação sobre as opções do 4º ano: Enfermagem Médico-Cirúrgica e em Saúde Pública; estágio de saúde pública no Rio de Janeiro na Escola Nacional de Saúde Pública; a convivência com as alunas durante a hospedagem na Escola de Enfermagem Anna Nery; a reestruturação da escola em função da Reforma Universitária, de 1968; a batalha pela desanexação; a formação dos departamentos; vínculos empregatícios com a escola; a indicação da primeira diretora; saída das freiras da direção da escola; entrada dos primeiros alunos do sexo masculino na escola, o mandato de segurança para garantirem a permanência no curso; diminuição da área física do terreno da escola para o Hemominas; retorna às opções de continuidade do 4º ano e locais de estágios; a reforma curricular de 1972; o término do 4º ano e a incorporação do conteúdo de saúde pública no novo currículo; a transição da mudança de currículo e os cursos de atualização para os professores; o Campus Avançado em Barreiras a partir de 1975; o currículo voltado para a área hospitalar; o contato com a realidade de saúde; lutas pelo aumento da carga horária de Saúde Pública; as disciplinas e seus docentes; a marginalização do grupo de docentes de Saúde Pública; as habilitações em enfermagem; a habilitação em Obstetrícia; as estratégias para contratação de docentes.

FITA 4, LADO A

O curso de Habilitação em Enfermagem em Saúde Pública; os estágios no interior; estágios integrados entre a Escola de Enfermagem e a Faculdade de Medicina; estágios conveniados com a Secretaria Municipal e Estadual; a supervisão dos estágios no interior e as dificuldades encontradas pelos professores; estágios conveniados com a Secretaria Municipal e Estadual; o término da habilitação; o curso de especialização; módulo básico: a inserção do enfermeiro no sistema local de saúde; o processo de capacitação do enfermeiro de nível médio; o projeto de pós-graduação: a reunião de Barbacena; a especialização de enfermagem em saúde pública; a proposta de educação continuada na capacitação de enfermeiros no interior de Minas Gerais; a atuação do PRODEN na revisão do material destinado ao processo de capacitação; PRODEN II; capacitação de recursos humanos.

FITA 4, LADO B

O projeto de educação continuada; diferença entre o PRODEN II e o PRODEN I; o maior envolvimento de docentes; o objetivo do projeto de educação continuada; a (re) elaboração dos módulos para formação do atendente de enfermagem e para enfermeiros; as áreas curriculares; a “Luzia” doméstica e no lazer; o trabalho no PRODEN; a aposentadoria; a volta ao vínculo empregatício no Estado; a disponibilidade para o PRODEN; remunerações; experiências vivenciadas e projetos de vida; a evolução da enfermagem nos últimos tempos; estratégias para capacitação da força de trabalho em enfermagem; a possibilidade de ensino à distância pela LDB vigente; agradecimentos.

FITA 5, LADO A

A polêmica gerada pela indicação de uma aluna do curso de Habilitação ser contratada como docente para a graduação; a dificuldade em encontrar enfermeiros no mercado para a docência; o impedimento da contratação da ex-aluna; as resistências enfrentadas; as estratégias utilizadas para iniciar o curso; a suspensão do início do curso por falta de professores; a contratação de duas professoras de São Paulo; os motivos da não aceitação da admissão da tal ex-aluna; referência Yole enquanto diretora e professora; perfil da ex-aluna; os momentos da habilitação em Enfermagem de Saúde pública; a habilitação em Saúde Pública no interior de do estado; evolução histórica da enfermagem em saúde pública; os convênios com as secretarias municipais de saúde; a política de assistência primária em saúde; o aumento da carga horária das habilitações; a reestruturação da habilitação em saúde pública; a repercussão nos municípios; o concurso público para a atuação do enfermeiro a nível local; a abertura do mercado trabalho para o enfermeiro dos municípios de MG.

[FITA 5, LADO B NÃO FOI GRAVADO]

FITA 1 LADO A

Valda.: Luzia, você podia, falar pra gente seu nome completo, onde você nasceu? Um pouco da sua vida inicial, dados pessoais.

Luzia.: Hum-hum. Bom, eu sou Luzia da Silva, nasci na madrugada do dia dezessete de dezembro de mil novecentos e quarenta, na cidade de Campo Belo, oeste de Minas Gerais. Ah! No dia que eu nasci deu uma chuva muito forte, deu uma enchente muito forte na cidade e levou a ponte da cidade [risos].

V.: Marcou. [risos] o nascimento, né?

L.: Marcou. Deixa eu ver o que mais. Bom, eu vivi, eu morei nesta cidade até mil novecentos e sessenta, né? Onde eu fiz todo o ensino fundamental: fiz o curso de... professora primária, e, quando eu terminei a 8ª série, 8ª série? É. Porque naquela época não era 8ª série...

Estelina.: ...era o quarto...

L.: ...era o 4º ginásial, né?

V.: Hum-hum.

L.: Eu tinha decidido que eu ia ser enfermeira.

E.: Ah!

L.: E... quando eu levei a questão pra minha casa, pra discutir com os meus pais eles colocaram que era impossível, que era impossível eu na idade que eu tinha, de eu ir pra Belo Horizonte pra poder estudar. Que eu tinha que terminar os meus estudos, que eu tinha que completar até o... fazer o curso o Normal. E então terminei, fiz o Normal. Em mil novecentos e sessenta eu terminei o Normal. Depois que eu terminei o Normal falei pra eles: “Olha, eu não vou trabalhar, eu não vou lecionar, eu não vou trabalhar em grupo escolar porque eu quero ser enfermeira, tá?.” E eu fiquei um ano, pensando na minha vida, né, e, quando eu decidi realmente a fazer minha matrícula, foi interessante que aí eu não, eu tinha programado... um fato interessante é que eu tinha programado pra eu fazer o curso de enfermagem na Escola Hugo Werneck, porque eu estudei a vida inteira no colégio de freira que era a mesma congregação da Escola Hugo Werneck, as servas do Divino Espírito Santo. E neste momento, quando eu defini fazer o curso de enfermagem, meu pai tinha um amigo aqui em Belo Horizonte. Eu pedi que ele fizesse a minha matrícula na escola e, pra minha tristeza, quando ele foi fazer minha matrícula, naquele ano não ia ter o curso na escola. O curso da escola tinha sido suspenso. Então ele ficou preocupado, mas a própria escola encaminhou para a Escola Carlos Chagas, que eu nem sabia que existia a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Eu só, a minha relação era só com a Hugo Werneck, por causa

das freiras do colégio, e tudo mais. Então, quando ele veio fazer minha matrícula, aí era, estava tudo mudado, porque, não tinha, a, a seleção era do mesmo jeito que era nos anos anteriores, mas... aí eu, ele fez minha inscrição, não foi matrícula, fez minha inscrição, eu vim fazer a minha... a, a seleção, já tinha marcado a prova de seleção. A seleção era, acho que português, matemática, tinha parece que física e química... biologia e tinha um curso... e tinha um teste, que era feito no SOSF, que era o Serviço de Orientação Profissional, né, que tinha um teste psicológico, sabe. E, e para minha surpresa a Escola Hugo Werneck, ela tinha é, suspenso o curso porque era o primeiro ano do curso superior. Então as escolas, foi nesse período que grande parte das escolas fecharam realmente pra poder estruturar o curso. Então, eu fui a primeira turma do, do curso de nível superior. E era a lei, como que era o número da lei? Dois mil e ...

V.: ...é, lei da LDB, né, de sessenta...¹

L.: É, né, que é o...

V.: ... resultado daquela de 1949, que custou pra ser...

L.: ...não, a outra, porque a outra, porque a outra que vigorava era a lei 775, né.

V.: E de quarenta e nove?

L.: É, de quarenta e nove. Então era a nossa primeira turma. Então...

E.: Eu queria fazer só um esclarecimento, porque você fala assim muito decidida com seu pai que iria fazer enfermagem. O quê foi que você tomou esta decisão, assim? O quê que te levou a tomar uma decisão e por enfermagem, e dizer: “eu quero fazer enfermagem”, e não tirou isto da cabeça?

L.: Olha, eu não lembro, assim, o que, se tinha alguma coisa definida, mas eu tinha clareza assim, que eu não queria ser professora primária, que eu não queria continuar morando na minha terra, que eu não queria ficar naquele lugar pequeno. Eu queria ir pra um lugar maior, sabe. E, parece que assim as possibilidades que eu tinha na época, decorrente da própria ligação, não tinha outra possibilidade. Eram dois, dois cursos que discutiam no colégio. Um era o de enfermagem e o outro era o de Viçosa, que era o “pica couve”.

V.: Pica couve? [risos] Que que é isso?

L.: Porque eles chamavam, que era o curso de pica couve, aqui, é o curso de...

E.: ...deve ser...

L.: ...extensionista...

¹ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB - que exigiu a conclusão do segundo grau para o curso de enfermagem é de dezembro de 1961; Lei n° 4.024.

E.: ...agrário...

L.: ...é, um negócio desses...

E.: ...é, alguma coisa agrária...

L.: ...de agrária entendeu? Que eram essas duas possibilidades.

V.: Então eles criticavam...

E.: ...um era pica couve. E o outro, era o quê?

L.: É. Não, o outro era enfermeiro [risos], não, não tinha nenhum, não. [gagueira] falava assim: “Mas você vai ser pica couve, quer dizer, era o curso que tinha, ainda ti... parece que tem esse curso até hoje, em Viçosa. Não tenho muita certeza, não. Que o mercado de trabalho era todo voltado pra, pra, pra Emater, que eu, que antigamente era ACAR, né? Então, era, era, era mas... era um curso extensionista, lhe dava mais com a questão da educação pra saúde, orientação alimentar, sabe? São dois cursos bem característicos de mulher, né? Então, [riso] então era, por exemplo, era os dois cursos que a gente tinha clareza que tinha. E, e todos dois cursos tinha possibilidade de internato. Então isso facilitava também o fato da gente sair do interior. Mas, e... aí eu, não sei, eu não sei não o que aconteceu não [gagueira], pica couve, eu tinha clareza que não queria ser, que eu não ia mexer com essas, com essas questões. E eu queria ser era enfermeira mesmo. Eu não sei porque não, sabe? [risos] Eu queria ser mesmo enfermeira, que eu queria ser.

V.: Seus pais reagiram contra você fazer o curso na época?

L.: O meu pai não, o meu pai não. A minha mãe sim. Minha mãe não queria que eu fizesse enfermagem.

E.: Mas ela tinha algum argumento pra isso?

L.: Não!

E.: Não. Não queria?

L.: Não queria!

E.: E não dizia por quê?

L.: Não!

V.: Como que era a visão da enfermeira naquela época?

L.: Olha, é muito interessante, porque a visão da enfermeira eu não posso lhes falar como que era, a visão da enfermeira. Mas que a visão geralmente que algumas pessoas tinham de enfermagem era através das enfermeiras da minha cidade e era uma visão até legal. Muito boa, porque eram todas enfermeira, pra você ter uma idéia tinha uma família, a família “Ci” que eram quatro enfermeiras. E elas fizeram enfermagem no Rio de Janeiro e foram trabalhar

na Fundação SESP [Serviço Especial de Saúde Pública] no Amazonas, né? Aparecida Ferreira Moura, Aparecida Freire [nome de solteira] ... da mesma, da mesma época, ela foi até colega de uma dessas meninas e foi também para o Amazonas. E esse pessoal era... essa família morava, como que era? Na mesma rua que eu morava. Então existia uma ligação, sabe, familiar! Então, quer dizer, o meu pai tinha uma idéia do que era enfermagem, né? Quer dizer, pelo menos não era uma coisa tão obscura, né, tão... sabe?

V.: Não tinha aquela visão negativa da enfermeira?

L.: Não, não, não, sabe? Agora ao mesmo tempo devia passar uma série de fantasia, porque saí vim pra cidade maior, é, ficar internada num lugar, morar no mesmo hospital, entendeu?

V.: Que tipo de fantasia?

L.: Morar no hospital. Devia, não sei...

V.: ...você não acha só...

L.: ...num, num,... eu acredito que devia ter alguma fantasia, agora eu nunca, nunca foi manifestado pra mim não, entendeu?

V.: Luzia, como é que era a vida antes de você fazer enfermagem, na sua família, nessa infância e adolescência numa cidade de interior?

L.: Tranqüila. Quer dizer, eu sou filha única, né. Então era os meus pais e eu. Agora era o contrário porque... a minha casa era muito cheia de gente, meus amigos, então tudo que acontecia era na minha casa, né? Então, uma vida tranqüila de, de, de brincar, de minha adolescência, de trabalho, de dançar, entendeu? De passa férias nas, nas fazendas dos amigos, dos colegas de escola.

V.: Mas isso ainda não te satisfazia, você queria ir pra uma cidade maior?

L.: Queria.

V.: Buscando?

L.: É. Eu queria, eu queria, eu não queria ficar lá.

V.: Aquilo era pouco?

L.: Era, sabe? Num, num...

V.: Bom, você falou sobre esse início como é que foi a seleção, mais alguma coisa interessante desse início de curso, de chegada em Belo Horizonte? Como é que foi a sua chegada aqui em Belo Horizonte pra fazer a seleção? Você se lembra?

L.: Lembro, foi... foi muito tranqüila porque eu fiquei na casa desse amigo do meu pai. Quer dizer, um amigo de muitos anos e eu era amiga das filhas dele, né. Então eles me ajudaram muito foi assim, era referência que, que eu tinha aqui, né? E na verdade, foi até interessante

porque quando depois que eu passei... [gagueira] uma coisa que me chamou atenção no processo de seleção, que nós éramos sete candidatos para trinta vagas.

V.: Era muita gente!

L.: Não. Eram sete candidatos para trinta vagas.

E.: É, ao contrário [de hoje].

V.: Ah! O contrário. É. [riso]

E.: Tinha muitas vagas.

V.: Sobrava vaga!

L.: É, sobrava muita vaga. Porque a turma... de sessenta e um eram trinta e cinco alunas, me parece, por aí assim, né. Então, de repente a procura caiu demais, né.

V.: Que, que fator você acha que...

L.: Foi a questão do, do... da exigência..

V.: ...da exigência... segundo grau completo

L.: Do segundo grau completo, né, porque antes era, era mais tranquilo, né?

E.: Então significa que passaram as sete?

L.: Não, isso que eu que... isso que me chamou atenção. Então eram trintas vagas e não passaram as sete, né. Passaram cinco! E o peso realmente foi que, o que eliminava era o SOSP. Eram os testes de inteligência, o teste de HORSHA também que era de personalidade, então eram estes testes que eliminava. E passaram cinco! Então nós fizemos o primeiro ano com cinco alunas. Cinco alunas. E no [gagueira] primeiro ano, dessas cinco duas desistiram. Uma pediu transferência e a outra trancou matrícula. Então eu, nós terminamos o curso somente com três alunos.

E.: Agora tinha uma, uma história que a gente ouve contar, de que tinha uma seleção também assim, que não entrava preto, não entrava feio, não entrava... outra seleção além do conhecimento mesmo. Se é da sua época, ou se você ouviu falar nisso?

L.: Não, porque da turma anterior tinha muita gente, tinha mulata!

E.: Hum-hum.

L.: Não acredito, não. Quer dizer, eu nunca percebi...

E.: Pode ter sido anterior?

L.: Bem anterior, né? Agora da minha turma, não tinha. Das sete agora não tinha ninguém preto, não tinha...

V.: As que perderam, a que perdeu, por exemplo, não ti... você não chegou a conhecer, num...

L.: Uma eu cheguei, quer dizer, cheguei porque nós fizemos prova juntas, né?

V.: Sim!

L.: E até nós comentamos depois, que pra gente era tranqüilo uma, que uma não passasse mesmo, porque nós achamos ela muito...

V.: ...fraquinha, mesmo?

L.: Descontrolada, sabe? Assim, em relação, em relação mesmo a, a estado emocional. Não sei se a situação de prova e tudo mais. Mas ela era bem...!

V.: A outra que foi transferida, ela foi transferida pra onde?

L.: Pro sul. Ela era do sul. Era a mesma história, ela veio pra cá pra fazer o curso na Hugo Werneck. Aí como não tinha ela, ela ficou na Carlos Chagas, depois ela foi embora pro sul. Ela é de Santa Catarina.

V.: Terminou o curso lá ou...?

L.: Termi... foi pra terminar o curso lá. Ela foi transferida pa... pra Santa Catarina. Não sei se terminou, nunca mais tive notícia dela.

E.: Isso significa que você já entrou na escola em sessenta ou sessenta e um?

L.: Sessenta e dois.

E.: Ah, tá! Você terminou lá em sessenta e entrou em sessenta e dois?

L.: É. Sessenta e dois, né! Porque eu fiquei um ano, sessenta e um eu fiquei...

E.: Ah, tá, refletindo.

L.: Refletindo, né? Convencendo o meu povo que o que eu ia fazer era enfermagem mesmo e que não adiantava que eu não ia trabalhar em outra coisa, né?

E.: Nesse período a gente sabe de uma história da Maria Purificação que foi expulsa. Você ficou conhecendo logo que você entrou essa história?

L.: Não.

E.: Não, né. Nem, nem, assim, ouviu falar?

L.: Não, nem sei, até hoje nem sei dessa história. [risos] Entendeu? Quer dizer, porque depois, mais na frente, a gente pode até voltar o porquê que a gente não sabia das coisas, tá?

E.: Não, mas se você quiser falar agora.

L.: Ah, então tá!

E.: Pode, pode, pode até já...

L.: Porque é interessante, porque existia uma proteção muito grande entre as cinco, pras cinco, porque na verdade no terceiro ano eram trinta e cinco alunas mais ou menos do... era uma média de trinta e cinco no terceiro e trinta e cinco no segundo. E a mesma história nós,

nós também foi, [gagueira] nesse ano que a escola começou a funcionar aqui, nesse prédio. Porque antes não funcionava aqui, né?

E.: Hum-hum.

L.: Então, foi também em sessenta e dois. Então, parece que existia uma proteção muito grande da direção da escola das cinco, em relação ao restante do, do, do curso, da turma.

E.: E porque essa proteção?

L.: Existia nu... era uma proteção no sentido assim, pra, pra não se misturar, pra não se contaminar. Porque... devia ter muitos problemas as outras turmas.

E.: Turma grande?

L.: Grande! Né, não tenho a menor dúvida. E, e, e aí ela separando, era mais fácil dela manipular a gente, né? Era no sentido de manipular a gente, manipular assim. Mas só que não é todo [cavalo?] que assim era tão forte... as três eram tão fortes! Que ela nunca imaginou.

V.: Quem eram essas três Luzia?

L.: Noemi [Ferreira Ribeiro], Inês [Lemos da Fonseca] e eu.

V.: Ah! Só você três?

L.: Só.

V.: Já que a gente já começou...

L.: ...viu! Fomos nós que mudamos um punhado de coisa na escola, as três. Que eles não esperavam.

V.: Ahn-ahn.

L.: Interessante.

V.: Antes da mudança...[do currículo]

L.: ...é...

V.: ...como que era o cotidiano no internato?

L.: No internato?

V.: É. Vocês já vieram diretamente pra este prédio [Avenida Alfredo Balena, nº 190]?

L.: Pra este prédio. O prédio só tinha... só estava terminado até o terceiro andar, né? Até aqui, até aqui. Lá fora não tinha mais nada terminado. Aqui era tudo de, de chão, com uma poeira incrível. E campo de futebol, tinha aqui.

V.: Onde que era o campo?

L.: Onde estão [hoje] as árvores. Este quadrado imenso, aqui nesse estacionamento. Aí era o campo de futebol, né?

V.: Aberto? Ao público?

L.: Aberto. Tinha pelada. Os próprios meninos da medicina utilizavam, né. Aberto. Todo campo de futebol, pra pelada, pra final de tarde, pra final de semana. E era muita poeira, sabe! Tinha muita poeira. E a escola ela funcionava, nós tínhamos, e uma das coisas interessantes era o seguinte: que a gente... logo nós percebemos isso, existia um corpo docente na escola de doze professores, né. E bem determinado quem era do primeiro ano, quem era do segundo, quem era do terceiro. E, e parece que elas não tinham as decisões num, num, elas não tinham muita, muita clareza ainda do quê que ia fazer com a gente, não. Qual que era o nosso currículo, não sabe? Porque, a experiência delas era com a [Lei] 775, e de todos os professores. Então eles trabalharam com a 775 mas ao mesmo tempo eles tinham que adaptar, fazer uma série de modificações. E eles, parecem que eles não tinham muita clareza. Então, nós estávamos no meio de um beco... né? Era uma turma que... não podia, nós não podíamos fazer uma, foi reduzido uma série de coisas, a carga horária, estágio, porque com a Lei 775/49 os alunos faziam três meses de estágio no ambulatório, três meses de estágio não sei mais onde; então tinha uma carga, parece, de estágio muito alta. E com, e já com a nossa turma isso não ia acontecer. Então parecia que o, o, o grupo de professores estava até meio perdido. Não tinha uma decisão ainda, sabe? E muitos manifestavam isso pra gente, sabe? Então, muitas vezes, a gente... sentia muita insegura de saber, “Mas, como que vai ser, nós vamos ser o quê, nós vamos ficar prejudicada, será que nós vamos saber o mesmo tanto que a outra turma da 775” sabe? Mas depois, com o andar da carruagem nós sentimos o seguinte: que não tinha muita diferença não, porque na verdade a prática era, a prática dos professores, era a prática da 775. Então não tinha jeito de ser muito diferente.

E.: Será que essa insegurança inicial também tem a ver com ter passado pra curso superior? E ter exigido segundo grau, será que tinha...?

L.: Podia ter também, sabe? Podia ter. Porque, agora os professores eram os mesmos, era a mesma história, né. As enfermeiras só davam a parte de enfermagem, e os médicos é que davam a parte, a parte clínica, né? E a parte básica também era dada pelos professores da medicina, né? Aliás por professores ótimos, professores excelentes, sabe?

V.: E esse conteúdo teórico dado pelo pessoal médico era adequado à enfermagem ou...

L.: Era. Bom, pelo menos a gente sentia que era. Porque na, anatomia a gente tinha, era, era o [Carlo] Fatini que dava anatomia pra gente. E ele discutia muito. Discutia muito assim, Alzira [Souza Melo]. Alzira que era professora de Fundamentos, então a gente sentia assim. E sempre ele falava assim: “Isso aqui eu não vou colocar pra vocês porque a Alzira me falou que vocês não têm necessidade disso.” Então, a gente sentia que existia...

E.: ...uma integração.

L.: Uma integração, né? Pelo menos uma, uma discussão do quê que era interessante do quê que era... Agora, as coisas pitorescas, que a gente [risos] tinha aula, a gente tinha aula na medicina e sempre tinha - mais tarde é que eu vim a saber que era uma professora da escola. Eu não, a gente não sabia porque ela trabalhava na secretaria, dona Carmen [Carmen Dolores Messantier]. A dona Carmen. Aí! (...) Você já entrevistou a dona Carmem, não? Ou procurou pra entrevistar? E a dona Carmen o sobrenome dela eu não lembro.

V.: Messantier?

L.: É. Mesantier. A dona Carmen acompanhava a gente nas aulas. Ela assistia a todas as aulas. Ela levava, ficava assistia aula com a gente na Medicina e voltava. Então ela fazia era isso.

V.: Quê que ela... porque que ela tinha que acompanhar...

L.: ...acompanhar... (...) não me lembro, não.

V.: Tinha alguma condução?

E.: Ela ia com vocês e trazia?

L.: Levava. Esperava a gente, a gente ia as cinco, ela com o diário de classe debaixo do braço, né, de, de, uma bata branca, ia, levava pra sala de aula...

V.: Ficava?

L.: Ficava.

E.: Assistia às aulas?

L.: Assistia às aulas. Dormia um pouco, né? [risos] Devia ser muito chato para ela ficar lá, né? Ficava lá e depois voltava com a gente.

E.: Ela era funcionária ou professora?

L.: A gente sem... nós achávamos que ela era funcionária da secretaria mas, depois que eu vim a descobrir, ela era professora, era docente! Só que ela nun...

V.: ...não atuava?

L.: Não cumpria esse papel. Não atuava.

V.: Só a turma de vocês que tinha esse acompanhamento durante as aulas teóricas?

L.: Não, eu tenho a impressão que, que, eu não lem... eu não sei se com a turma da Ana Lúcia...[Magela de Rezende] .e da Eva ela acompanhava, sabe? Porque eu não sei, anteriormente... pode ser, eu não sei, isso eu não lembro, não. Mas, nós, é muito interessante.

V.: Tuteladas [riso].

L.: Ah, era, era gozadíssimo [risos].

V.: E os professores da medicina não faziam nenhuma observação por este acompanhamento?

L.: Não, qualquer coisa, qualquer dúvida que eles tinham eles perguntavam a dona Carmen, “Dona Carmen, isso assim, assim?” Era, parece que era tranqüilo aquilo.

V.: Tinha alguma...

L.: ...ela era a intermediária.

V.: Olha! Tinha algum material didático? Livro... pra ajudar nessa parte teórica?

L.: Tinha. Tinha livro, né, tinha apostila não. Tinha livro. E tinha, anatomia era material didático era o cadáver mesmo, era tudo no laboratório, né? Era aula teórico/prática, parte muito de laboratório mesmo. Então a gente era, né, tinha um cadáver pra nós três, às vezes dois, sabe? Então, muito tranqüilo.

V.: E quando era dado o conteúdo específico de enfermagem?

L.: Conteúdo específico de enfermagem (...). Como que era, o quê que você coloca?

V.: É, é como a disciplina...

L.: ...se tinha livro alguma coisa?

V.: A disciplina Médico-Cirúrgica, de Obstetrícia, quem que dava, e como é que era se tinha também material didático?

L.: Olha, quem dava...bom, Fundamentos a gente tinha material, tinha; era muito em cima de técnicas, as técnicas tinham (...) tinha as técnicas bonitinhas que a Alzira [de Souza Melo] passava pra gente a gente fazia um caderninho!

V.: Ela dava, ditava no quadro?

L.: Não, ela dava uma aula sobre isso e depois ela passava pra gente copiar.

V.: Ah!

L.: Tá. Num, num dava ditado não. Ela demonstrava a técnica. Era, era bem prática a aula da Alzira, sabe? Depois, e o livro que a gente tinha, ela mandava a gente estudar no livro de Fundamento... foi a primeira vez, aí que eu comecei a mexer com espanhol, [Tratado] Fundamentales da Enfermería. Então, a gente estudou muito naquele livro.

V.: Tinha biblioteca aqui na enfermagem?

L.: Tinha biblioteca. A biblioteca é hoje onde é a Informática.

V.: No terceiro andar?

L.: No terceiro andar. Então tinha esses livros, tinha muita coisa lá!

V.: Quem era da biblioteca na época?

L.: Quem era?

V.: Quem trabalhava lá?

L.: Ninguém! Dona Carmen também ficava na biblioteca, mas não tinha, não lembro. A gente pegava a chave, a chave ficava no, no onde é hoje o CTE [Centro de Tecnologia Educacional] [sala 306], onde está o material de ensino, lá onde o [José] Maciel [Junior]fica.

V.: Onde era a cantina?

L.: Onde era a cantina.

E.: A cozinha.

L.: Ali funcionava uma cozinha. Uma cozinha não, funcionava um, ficava um... não era cozinha não, ficava uma geladeira, pra lanche, a gente usava ali pra lanche. Então, a chave ficava pendurada lá perto do armário. Então, a gente pegava, a gente a noite ia pra biblioteca. A gente descia e ia estudar. A gente pegava a chave e ficava na biblioteca fazendo trabalho de grupo. E os livros ficavam lá à disposição da gente. A gente usava os livros depois trancava bonitinho, sabe?

V.: Todas as alunas de todos os outros períodos também?

L.: Não lembro. Era só na biblioteca, só [gagueira] eu só lembro da gente.

V.: De vocês três?

L.: É, Noemi, Inês e eu. A gente pegava a chave e ia pra biblioteca.

V.: Era apertado o ensino nessa época? Como é que você vê o ensino desse período? Em termo de qualidade, de conteúdo... (...)

L.: Era, não era tão, sabe? Ele era bem estruturado, era bem estruturado, ele não era, não era tão frouxo não, sabe? Porque eles davam trabalhos. A gente tinha o próprio material que o Fatini. da, da Microbiologia era o Oto Bier que a gente estudava. O, e, então a gente tinha que estudar muita coisa para as provas.

E.: Vocês tinham aula manhã e tarde? Ou era só um horário?

L.: Aula, a gente tinha aula o primeiro ano tinha aula manhã e tarde. E logo depois de dois meses, nós, geralmente de manhã era Fundamentos.

V.: Logo no início?

L.: Logo no início. Nós tivemos Saúde Pública no primeiro ano. Carmelita [Pinto Rabelo] que deu Saúde Pública pra nós, sabe? No primeiro ano tivemos Saúde Pública, por isso, foi a, foi a reforma [do ensino] foi nesse sentido. E, aí, é, como é que era? A gente tinha o professor de Anatomia era o Fatini, de Microbiologia era o Aluísio da Costa Val, então era o Oto Bier e, e o livro texto era mesmo Oto Bier!

V.: Mesmo livro do pessoal da medicina?

L.: Mesmo livro do pessoal da medicina. O do, esse que não era o “Tafurão”, o Celso, Celso Tafuro, não, Celso Tafuro é o irmão, é o “Tafurão” mesmo. Ele não dava livro não porque, mas era interessante porque ele dava aula ditando pra gente!

V.: Dava aula de que?

L.: De, de, de... [riso]

E.: [inaudível]

L.: Patologia.

V.: Patologia Clínica.

L.: É. Mas ele era ótimo.

E.: Mas como que era essa história de aula ditando?

L.: Ditando, que eu falo assim, ele falava devagar, [gagueira] acho que a prática era todo mundo copiar as aulas dele. Então, ele dava assim... ele falava, então ele ia e falava: “Hoje é infecção tal.” Então ele falava tudo isso, falava sobre patologia, porque que isso acontecia no interior das células e falava, e falava, e falava, e falava. Depois dava a aula prática, aí ia pra, pra [gagueira] pegava as lâminas levava pra junto dos microscópios. Eu lembro gente, - ô que tristeza que eu tinha disso - , aí ele pegava uma lâmina daquela, ele sentava no microscópio, ele ia lendo, ia lendo a célula e falava: “Nessa célula tem isso, tem aquilo outro, tem aquilo outro, tem aquilo outro, tem isso, tem aquilo outro.” Ele ia descrevendo pra gente a célula, depois falava: “Olha pra você ver tudo isso.” E queria que a gente enxergasse o que ele...

E.: ...enxergou?...

L.: ...com o olhar dele de patologista de não sei quantos anos, que a gente enxergasse. E eu falava assim pra ele: “Mas eu não estou vendo nada. Eu nem sei o quê que é a célula aqui. O quê que é a célula aqui? Cadê o núcleo?” [risos] Entendeu? Mas ele tinha paciência de explicar pra gente, sabe? [risos] Eu achava isso muito engraçado. Eu chamava: “Noemi eu não estou enxergando nada não. Me ajuda aqui, porque eu não consigo enxergar.” [risos] [gagueira] e não tinha jeito, né?

V.: Qual foi a disciplina mais marcante, Luzia?

L.: Mais marcante? Do curso inteiro?

V.: Sim.

L.: Ah! Eu gostava de todas, não era...

V.: E uma especial?

L.: Não. Agora o que eu gostava, quer dizer, eu não sei se foi marcante, mas eu gostava muito de Obstetrícia, sabe? Num, num sei se...

E.: ...quem é que era a professora? Aparecida [Aparecida Ferreira Moura]?

L.: Aparecida. Aparecida, do Mário Dias. Porque sempre tinha a enfermagem, a parte da enfermagem, mas tinha o médico. E era o Mário Dias é que dava.

V.: Como é que era essa relação dos alunos com os professores médicos? Tinha alguma...

L.: Muito interessante. Porque era assim, eram as alunas bonitinhas, todas sentadinhas e o professor lá na frente. Então, ele estava dando aula pra três enfermeiras, três alunas de enfermagem, tá. Cada uma mais séria do que a outra, não é? E ele bonitinho lá na frente, não brincava, dava aula toda magistral bonitinho, sabe?

V.: Não...[inaudível].

E.: Como se estivesse num grande auditório?

L.: É.

E.: Com várias pessoas?

L.: É, é. Inclusive as salas, é, muitas vezes, sabe aquelas salas que tem lá na medicina?

E.: Hum-hum.

L.: Aque... aquelas salas.

V.: Aquelas salas grandes?

L.: É. E nós três.

E.: De auditório mesmo?

L.: De auditório. E nós três sentadinhas lá. E a dona Carmen do lado. Ela afastava mais um pouquinho. Acho que ela, ela justamente isso, ficava as três e a dona Carmen, ou as cinco e a dona Carmen um pouquinho mais afastada, pra ela, pra num, pra deixar bem claro que ela não fazia parte do grupo, ela era...

L.: ...professora, né?

V.: Então, nenhum fato interessante com relação aos professores com as alunas da sua turma ou de outras turmas?

L.: Que eu lembro, não. Assim de... né?

V.: Não tinha nenhum professor assim, que tinha, que era mais arrojado, que tinha fama assim, de namorado, ou coisa assim?

L.: Com [gagueira] nós três, não.

V.: Períodos anteriores?

L.: ...pode ser, pode ser que tenha com as outras [riso], né? Mas assim que eu, que eu esteja lembrando, assim [tosse]. Demais. Nós éramos muito sérias. Nossa Senhora, que coisa horrórosa!

E.: Você se lembra [risos]... Você se lembra Luzia que nesse ano que você entrou de sessenta e dois foi a fundação do DA. [diretório acadêmico]? Ele já existia antes ou foi realmente fundado nessa época? Você se lembra da história?

L.: Foi o do Marina Rezende, né? Foi. Não é, do DA.?

E.: É, do DA.?

L.: Daqui, foi.

E.: Você lembra...

L.: ...sessenta e dois, quem que foi a primeira [gagueira] foi a Noemi, que foi a primeira?

V.: Nós não temos esses dados corretos.

L.: Porque na verdade não foi, foi não, não foi em sessenta e dois que foi a fundação do DA não. Existia, não existia o DA, existia o DA da medicina e, e a gente tinha, era uma comissão, a gente era ligado ao DA da medicina.

E.: Hum-hum.

L.: Tá? E a gente tinha, tinha, a gente era representante. A Noemi chegou a ser representante, eu cheguei a ser representante.

E.: No DA da medicina?

L.: Da medicina! Mas não foi sessenta e dois que o DA daqui foi criado não, foi bem depois disso.

E.: Você não se lembra quando não?

L.: Não!

E.: Mais ou menos? Você ainda era aluna?

L.: Não.

E.: Foi depois?

L.: Foi depois.

E.: E você também não se lembra quem foi a primeira presidente?

L.: Não foi a Iracema Mamede, não gente?

V.: Ela chegou a ser, não sei quando. Você participou desse grupo do DA em algum momento, enquanto aluna?

L.: Não. Eu come...

E.: ...ela participou no da medicina.

L.: Da medicina.

V.: Você?

L.: Com uma comissão, lá. Mas acontece assim, a gente era indicado mas acontece que as comissões não reuniam...

[FINAL FITA 1, LADO A]

FITA 1, LADO B

V.: Bom! Então, como é que é a história do DA?

L.: A greve por um terço. No primeiro ano. Agora que eu lembrei, da greve por um terço, né?

V.: O quê que é isso?

L.: Foi a greve dos, a greve do diretório. Como é que fala?

V.: Do DA.?

L.: Do DA, do DA., não! Do, do Diretório Central dos Estudantes, né?

V.: Do DCE!

L.: DCE! Né? De todos os estudantes universitários do Brasil, né? Então, é, essa greve foi para... a luta era por um terço de representação nos órgãos, nas representações da universidade. E foi uma greve de quanto tempo? Durou quanto tempo? Foi um montão, gente! Foram muitos meses de greve. Não sei se foram três meses de greve.

E.: Isso foi sessenta e dois, não?

L.: Do aluno! Sessenta e dois, sessenta e dois. De aluno realmente. E, e foi até uma situação meio complicada porque nós não, a escola não... e, e o interessante é que quem respeitava a greve, os professores respeitavam a greve. Então, eles não davam aula, sabe. E ao mesmo tempo nós precisávamos, a gente então, o que nós tínhamos que ter atividade. E a Escola de Enfermagem ela trabalhava, ela atuava, ela mantinha, ela tinha aluno em todo o Hospital das Clínicas, tinha no banco de sangue, nas clínicas cirúrgicas, na ortopedia. Então no período de greve, foi greve de aula, não foi greve da parte prática. Então, todos os alunos eles trabalhavam no horário de sete às treze horas, né? Em todos os setores. Agora como nós estávamos no primeiro ano, nós ainda não tínhamos conhecimento suficiente pra poder fazer essa parte prática. Porque nós tínhamos tido poucas aulas de Fundamentos, então, nós, o quê que nós sabíamos fazer, já tinha dado o quê, a unidade do paciente, é, banho de leito! Então, nós ficamos três meses na enfermaria, cuidando da unidade do paciente. E o máximo que a gente fazia era banho de leito.

V.: E vocês ficavam?

L.: Ficamos.

V.: Sem se rebelar?

L.: Não. Eu, Noemi, Inês, Norma e Íris fazíamos [estágio] na Cruz Vermelha, na clínica do professor Luís Andrés, [inaudível]. Então, nós ficamos, então a clínica brilhava, porque nós fazíamos desinfecção terminal todos os dias [risos], sabe?

V.: Quem acompanhava vocês?

L.: Alzira [de Souza Melo]. [risos] Não, nós fazíamos [gagueira] não precisava de ninguém acompanhar mais não.

V.: Ahn-ahn, claro. [riso]

L.: Era monitora.

E.: PhD, naquilo?

L.: PhD! [risos] Então, nós fazíamos, e fazíamos desinfecção terminal gente, olha? “Quem está de alta hoje! Epa! Então, vamos limpar, limpar a unidade do paciente.” E a gente limpando!

V.: E vocês faziam com gosto?

L.: Deixava brilhando! Tudo! E... a clínica, né, sabe? E, e aí teve outro detalhe, rouparia: nós fizemos compressa, quantidade de compressa. Porque nessa época era tudo feito na própria clínica ... não comprava compressa pronta. Remendávamos algumas luvas de borracha, aprendemos a mexer com luva. É, fazer compressa, dobrar gaze, tudo isso.

V.: E não tinha discussões entre os alunos pelo motivo da greve, um acompanhamento?

L.: Muito pouco, muito pouco. Na medicina tinha, mas eles envolviam muito pouco a enfermagem. Era muito, muito separado, sabe?

V.: E, e o término, como é que foi?

L.: Não lembro. Coisa engraçada, né?

V.: Se teve reposição?

L.: Não! O término como é que foi? Não teve reposição, ah, claro o término, não teve reposição eu fui, não teve reposição, não teve tempo suficiente pra poder... e nós tínhamos que cumprir um programa de Fundamentos. Então, eu lembro que eu fui dar a minha primeira injeção, minha segunda injeção intramuscular numa prova, porque a Alzira tinha que dar a prova. Então, era a segunda injeção que eu fazia na minha vida! E por azar meu, e era tudo sorteado, o mais triste é que era sorteado.

V.: Era tudo sorteado?

L.: Bom, sorteava os pacientes, sorteava eu o meu sor... [gagueira] eu estava cuidando de um paciente, seu Manoel. Gente, eu não esqueço do seu Manoel. Depois de muito tempo, mais de um mês internado na clínica, que foram fazer o diagnóstico dele, ele estava com tuberculose.

Ele entrou parece que ele tinha uma gastrite, ou ele era pra ser operado do estômago. Eu sei que aí descobriram que ele tinha tuberculose, então o tratamento dele, e eu fui fazer, aí eu fui fazer a injeção dele era estreptomicina. Você já deu estreptomicina alguma vez? Gente do céu! Vocês imaginam, eu nunca na minha vida tinha dado estreptomicina [riso].

V.: Entupia!

L.: Não, você diluía aquilo [risos].

V.: Ficava meia hora pra....sacolejando assim [risos].

L.: Meia hora sacolejando. E eu tinha que demonstrar técnica bonitinha de frasco. E era frasco, né?

V.: Frasco, era.

L.: E bonitinho. Não! E o pior que eu fiquei, porque você não podia agitar muito, né, pra não...

E.: [inaudível]...

L.: ...e a estreptomicina, [risos] né? Nessa posição você não consegue fazer.

V.: Não!

L.: E depois que eu consegui diluir a estreptomicina, que eu cheguei perto do seu Manoel, o seu Manoel tinha tido um ataque de tosse, Valda! E tinha escarrado todo no chão. Eu lembro que eu cheguei e pisei em cima do catarro; sabe quando você pisa em cima do catarro escorregando, sabe?

V.: Só faltou cair.

L.: Só faltou... não, escuta! Cair, não caí não. Aí, seu Manoel, eu falei: “Seu Manoel, eu trouxe aqui uma injeçãozinha pro senhor. O senhor quer tomar?” [risos] Eu não esqueço disso. [risos] Eu perguntei se ele queria tomar injeção. [risos] Aí ele olhou pra mim assim, e eu já fui com a injeção, o braço dele era dessa finurinha [gesto]. Na hora que eu bati a injeção, a coisa, porque tinha que dar mais profunda. A hora que eu bati, bateu no osso, a agulha. Aí, Valda, que horror quando aquilo bateu no osso. Uma sensação horrível.

V.: Aquele barulho.

L.: Sabe? Aí apliquei a injeção no seu, no seu Manoel. Aí a Alzira me chama, aí foi pra avaliar comigo a injeção, todos os pontos negativos. Falei: “Ah! Também é bomba, porque do jeito que a Alzira falou comigo, não resta dúvida que eu tomei bomba, né?” Porque primeiro não podia jamais perguntar se ele queria tomar injeção [risos]. Depois, não sei mais o quê [gagueira]. Aí depois eu [falei:] “Olha primeiro tem que ver o seguinte, eu nunca fiz isso na minha vida, nunca dei injeção antes. Então, então, como é que você avalia como que você

pede pra, né, você está avaliando uma coisa que não houve prática daquilo, né?” E foi decorrente da greve, que não teve tempo, quer dizer, não teve tempo mas também não tiveram cabeça pra reestruturar tudo isso, né? Tinha os calendários a serem cumpridos...

E.: ...e tinha que cumprir?

L.: Tinha que cumprir, não é?

V.: Já que você está falando dessa parte de prática, fala mais um pouco como é que era o, a partir daí, como é que foi a parte prática? Onde vocês fizeram estágio?(...)

L.: Bom. O nosso primeiro ano foi terrível, por causa da greve. Então, nós simplesmente, nós saímos do primeiro ano sem prática quase nenhuma, que deveria ter acontecido enquanto primeiro ano. Depois nós fomos pro segundo ano; aí nós fomos fazer estágio de Enfermagem Médica, que era do, com a dona Rosa [de Lima Moreira]. Aí a gente fazia estágio na, a parte prática era de, aquele mesmo esquema, a gente passava pelos estágios, de sete às doze. De sete da manhã às doze. Então era aquele esquema, de segunda a sexta-feira, não é, e tinha escala, geralmente a gente ficava, um mês, era um mês, um mês de Enfermagem Médica, um mês de Enfermagem Cirúrgica, um mês... eu não lembro como que era muito não... e ficava sempre as três. E, na verdade, em alguns estágios, a gente tinha a sorte da enfermeira de campo acompanhar a gente, quando a professora era muito... não tinha uma atuação. Então, muito direta, né? Então, a enfermeira de campo acompanhava a gente. E, e ajudava muito, sabe, porque ela, todas as dificuldades que a gente tinha a gente ia atrás da enfermeira de campo, e também os próprios colegas do terceiro ano, porque eles tinham alunos do segundo e tinha aluno do terceiro. Então, o próprio aluno do terceiro ano ajudava a gente, na parte prática.

V.: Dentro da proposta mesmo, como aluna sênior ou... como colega mesmo?

L.: ...não, não, colegas. Tinha nada de proposta. Tá? Ele estava lá, geralmente, é, muitas vezes ele ficava com tarefas... era de acordo com a... com aquilo que ele já tinha visto na escola, né? Então, elas, se elas distribuía a escala, a gente, se, diante daquilo, diante de Fundamentos, que a gente já teve Fundamentos, então dava as atividades pra gente fazer, né, e, (...) ficava na enfermagem X, cuidando; elas não davam era paciente pra gente, tantos pacientes. Mas às vezes, em determinados pacientes, falavam: “Oh, tem esta e esta atividade, que eles vão deixar para fulano fazer, que era aluno do terceiro ano, ou qualquer dúvida que vocês tenham recorrem ao aluno fulano de tal que é aluno do terceiro ano”.

V.: Algumas pessoas dessa época Luzia, seja de enfermeira, ou de professor? Você falou assim da dona Rosa, como é que era a relação com a dona Rosa?

L.: Muito boa, sabe? Dona Rosa era uma mãe pra gente, muito boa. E, ela tinha uma relação muito boa com os médicos da, da Clínica Médica, e qualquer caso interessante (riso?) que tinha no hospital, entendeu?

V.: Hum-hum.

L.: Então, às vezes, o diagnóstico do paciente internado, tinha o diagnóstico, o endereço, qualquer coisa assim, e que os médicos estavam dando aula pros meninos da medicina, dona Rosa conversava com eles, pedia, eles iam com a maior atenção, explicava pra gente, sabe? E ela colocava sempre junto. Então, ela estava sempre participando. Ela era muito, era muito articuladora, sabe? Buscando assim, é, experiências pra gente, sabe? Conversava com um, conversava com outro.

V.: Você falou que o local onde a professora não tinha muita atuação, vocês ficavam por conta da enfermeira da clínica. Que professores eram esses que não acompanhavam vocês no estágio, você se lembra?

L.: Que não acompanhavam?

V.: É. Que não tinha esta atuação direta e que vocês então ficavam é, com o enfermeiro do campo?

L.: Não, ele estava lá.

V.: Hum.

L.: Ele estava com a gente, mas a gente ficava mais às vezes com a enfermeira, sabe? Tinha muitos.

V.: Pois é, vocês ficavam mais com o enfermeiro porque ele não tinha esta atuação...

L.: Você quer, você quer que eu fale os nomes?

V.: Sim, ou não sei.

E.: Não, não é necessário isso não. Exemplo, que tipo de atuação era essa que não, que enfermeiro dava mais assistência, tinha mais conhecimento da coisa, era assim, não?

L.: Não era conhecimento, não. Depende muito do tipo de pessoa que era, entendeu?

V.: Ah, sei.

L.: Se a professora era muito “estrela”...

V.: Ah, sim.

L.: Sabe? Se a professora era muito “estrela”... tinha muita professora “estrela”... tinha pelo menos uma que era muito “estrela”. Então, ela ficava muito assim, conversando com os médicos... com os catedráticos.

V.: Ah, sim...

E.: E não dava atenção a vocês...

L.: É.

V.: E aí quem dava assistência era...

L.: [inaudível] quer dizer, nós também achávamos até bom, porque a gente também num...

V.: ...ficava mais livre...

L.: A gente não acreditava também muito nela não, que a gente [risos] achava que a gente podia aprender mais, entendeu?

V.: Ahn-ahn.

L.: Quando eu falo assim, você sabe quem que é. [risos]

V.: É, mais onde vocês fizeram estágio? Falou da Cruz Vermelha, do Hospital de Clínicas...

L.: ...do Hospital de Clínicas... do Hospital de Clínicas nós fizemos estágio, né, Pediatria que era no São Vicente, ah, uma coisa que aconteceu, que, com, com a [Lei] 775 [as alunas] tinham todas as especialidades. Passavam estágio em Otorrino, Ortopedia...

E.: ...Dermatologia...

L.: ...Dermatologia, Oftalmologia, e nós não. Então... as especialidades.

E.: ...ficou mais geral...

L.: ...ficou mais geral. Mas, acontece o seguinte, que nós tínhamos otorrino, mas a gente não passava lá o estágio, a gente passava para ver algumas atividades no otorrino. Na oftalmologia era a mesma coisa, né. Então a gente tinha oftalmologia, mas a gente passava mais para, o próprio professor levava a gente para poder ver, ele operando, ia, a gente assistia a cirurgia de oftalmologia, mais de observação, né.

V.: E, de dermatologia é que eu não...

L.: Ah, sim, dermatologia, quem deu foi o... nosso professor foi o Josefino Aleixo. Então, ele era louco por pênfigo foliáceo, então a gente ia para a Santa Casa, de tarde, ele levava a gente para a Santa Casa para poder ver a enfermaria de pênfigo, para dar aula. Ele dava aula de pênfigo pra gente, na enfermaria. E tudo que ele dava de coisa ele levava para o Santa Casa, pra dar aula prática, sabe? Então, assim, a gente não tinha enfermagem, estágio, cuidando de paciente nessas situações. Mas, na verdade, por causa da disciplina, a gente tinha aulas práticas...

V.: Como é que era o uniforme nessa época?

L.: Ah, o uniforme. Bom, então o seguinte: quando nós chegamos na escola, aí que vem a história todinha: quando nós chegamos na escola, o uniforme era um vestido branco de fustão,

muito bonitinho, um sapato branco e uma meia branca, naquela, uma meia de helanca, vocês devem, vocês são da época da helanca? [risos]

V.: Somos [risos]

L.: Uma meia de helanca. E, uma meia de helanca [risos], e tinha um avental, o avental era de cretone. E tinha de ser de cretone...porque se fosse outro tecido não dava para fazer o avental, porque ele era godê duplo, ele não tinha nenhuma emenda. Então o cretone tinha de dois [metros] e vinte de largura...

E.: Duas larguras.

L.: ...então, ele era cortado assim, ó! [desenha a roda do avental] Ele era aberto assim, ele era aberto assim, ó...

E.: ...dobra...

L.: ...ó, aqui ó, isso aqui era o avental. Está vendo? Isso aqui era a roda dele, ó. Então vocês...

V.: ...ficava abertinho, não uma lua...[riso]

L.: ...vocês imaginam, então aqui tinha o cóis que abotoava aqui, ele tinha uma prega, ele dava uma prega aqui assim, e vinha aqui assim, parava aqui e abotoava aqui atrás. Trespasava e abotoava aqui. Então ele, essa coisa aqui trespasava aqui. Então vocês imaginam, um vestido, um, um vestido, godê duplo, engomado, dona Zulmira [Chaves Campos], Tita, [Maria Natividade Trindade Ovídio] elas é que passavam. Era lavado aqui na escola e passava aqui, então ela engomava. Então a hora que você vestia, e era aqui ó, o cumprimento também era aqui, na canela...

V.: ...quem que media, essa...

L.: ...não, eu não sou da época que media não [risos]. Nós éramos, nós não, o método era esse, a gente não questionava muito não.

E.: ...no meio da canela...

L.: ...no meio da canela, né? Então você ficava dando tiro, e aquilo cê esbarrava, dependendo dos lugares, sala de cirurgia era uma tragédia, porque você, se você não abrisse o olho você contaminava as coisas porque você esbarrava em tudo [risos]...

E.: ...engomada e rodada...

L.: ...engomada e rodada, aí...

E.: E como que vocês vestiam, por exemplo, roupa em centro cirúrgico com aquele avental, ou tirava o avental?

L.: Não, aí tirava o avental. Aí a gente, aí era o capote, era sem o avental.

E.: Ah!

L.: A gente em centro cirúrgico não usava aquele avental. Era só na enfermaria. E nós, e o avental, ele ficava...

E.: ...aquilo saía varrendo tudo, saía não?

L.: ...ele ficava lá no hospital. A gente tinha um armário na enfermaria que a gente deixava o avental lá.

E.: E não saía varrendo tudo, não?

L.: Saía. [risos] Agora o melhor do avental, aí escuta, não, o pior, o melhor de tudo é a meia, [risos] que a, a turma, o terceiro ano e o segundo ano usava uma meia branca, de helanca, branquinha, e aqui, aqui embaixo, que eu te falei que era o campo de futebol, era uma terra vermelha. Então, a hora que elas chegavam, calçavam uma meia branca, a hora que chegavam lá, no, no hospital, aqui estava vermelhinho já. O sapato ia jogando a terra [risos], sabe Valda, ficava vermelhinho aqui, atrás, no calcanhar. Gente, era terrível aquilo. Aí, tinha uma rede, uma rede e uma touca. Touca também vocês lembram da touca, né? Que tinha, tinha dois... [vozes ao fundo] a touca também tinha o modelo da touca, a touca era assim, ó, [desenha o modelo da touca] era assim, assim, assim; aqui ela tinha uma fenda, ó, então você lavava a touca, passava...

E.: ...tinha algum símbolo, não...

L.: ...não, não, a touca era assim, aqui tinha uma fenda...

E.: ...toda branquinha...

L.: ...toda branquinha. O negócio era dobrar, então a primeira que você tinha que fazer era aprender dobrar essa touca, que aí você trazia essa ponta aqui e encostava ela aqui, e essa encostava de cá, aí você dava uma dobrada para cá, para cima, aqui e aqui você dava uma, aqui você fazia uma dobra assim, ó. Entendeu? Então aqui ficava para cima, e aqui você juntava essas pontas aqui. Então na verdade, tinha a fenda aqui, que juntava aqui as pontas aqui assim, ó, ó, e aqui você dobrava ela pra cima, aqui, ó. Aqui você prendia um alfinete grandão...

E.: ...era quase parecendo aquele chapéu de irmã de caridade.

L.: ...era melhor que de mim [risos] [inaudível]. E tinha um alfinete, detalhe do alfinete é que era com uma pérola, tá?

V.: Ah...

L.: E aqui em cima da touca não tinha nada não. Não tinha símbolo nenhum, não.

V.: A, o alfinete na touca...

V.: ...tinha o friso... pra prender...

L.: ...você tinha que botar uma coisa , você tinha que prender. Você comprava aquele alfinete, que era uma pérola, né? E, a gente tinha o, como é que chamava o...

V.: ...distintivo...

L.: ...o bóton, o distintivo, distintivo, que no primeiro ano tinha a festa do distintivo. Mais no final do ano você ganhava o, tinha a festa que você ganhava o distintivo e você punha ele na, na gola.

E.: Era uma festa só do distintivo ou era das insígnias todas, inclusive da touca?

L.: Não, não.

E.: ...era só do distintivo...

L.: ...é. E, e, assim mesmo isso era das outras meninas. O nosso já não tinha. O nosso já não teve muito isso, não. Só foi lá pela entrega do distintivo e pronto, estava acabado, não teve muita coisa, não.

V.: Braceira... ..não tinha?

L.: Não, não. Porque aí, o que aconteceu, vocês esqueceram que nós éramos do nível superior?

V.: Ahn-ahn. [risos]

L.: Tá? Aí, aconteceu o seguinte: como nós éramos cinco, três, é, nós éramos cinco, então, aconteceu o seguinte, que nós começamos a discutir. Quando foi, nós íamos... a gente só usou o uniforme depois de três meses, né, depois que recebe o negócio lá, que começa a fazer prática, que ia pro hospital pra gente... preparar a unidade de internação, unidade de internação. Então, nesse momento, nós sentamos, foi na verdade foi uma pessoa que liberou, isso foi a Inês. Nós sentamos e falei assim: “Olha, essa meia branca eu não vou usar não” ah, “e eu também não vou não”. “Então como é que nós vamos fazer. Nós vamos ter que dar um jeito”. Falei: “Olha, é um absurdo, porque você já viu as pernas das meninas? Fica tudo chamuscada de terra vermelha. Não tem sentido a gente ficar daquele jeito, né”. Aí, fomos discutir. E tinha um detalhe. Este detalhe é muito importante. Nós tínhamos as aulas teóricas, tinha (...) as aulas teóricas eram à tarde, com os médicos do primeiro ano lá e depois tinha também no primeiro ano, à tarde a gente tinha aula com a Carmelita [Pinto Rabelo}, com a Alzira, e tinha Ética, que era com a diretora, né, e, isso é que é muito importante. As aulas de ética, na verdade era Ética e História da Enfermagem, esqueci da História da Enfermagem. Ela dava, História da Enfermagem ela dava o livrinho da Waleska Paixão. Então nós estudávamos pelo livrinho. Ela tinha um colecionador, e nós, aí nós descobrimos, ela tinha um colecionador e que ela, ela punha o livrinho da Waleska dentro do colecionador... entendeu?

Ela colocava assim e é com, a gente ficava sentadinha ali perto e não via que ele estava lá não. E, ela olhava aquilo e falava, olhava e falava. Aí nós pensamos: “Mas tem um trem esquisito”. Aí nós pegamos o livrinho da Waleska, aí nós fomos ver. Falamos: “Ah, então ela segue o livrinho da Waleska, aquele livrinho, então nós temos que estudar por esse livrinho...”

E.: ...estava dentro do colecionador...

L.: ...estava dentro do colecionador.

E.: E ela não, não indicou o livro para vocês estudar...

L.: ...não, não indicou o livro não. E a gente feito doida copiando, quer dizer, a gente não porque quem copiava era a Noemi, eu nunca copiei nada, então...[risos] Noemi é que copiava e na hora de estudar Noemi tinha tudo, então, a gente estudava com a Noemi. Então, aí nós descobrimos que ela tinha... depois, aí, mais no final ela falou que ia pedir um livro pra nós, que nós queríamos comprar, que era o da Waleska. Aí ela pediu o livro. Inclusive deve ter sido logo quando ele saiu, porque ele não era nem, era uma brochura, entendeu, ele era de colecionador sabe? Ele era de colecionador mesmo. Aí nós começamos a estudar pelo livro da Waleska. Mas o importante das aulas de ética dela era o seguinte: era Ética e História da Enfermagem, é que, nas aulas de ética era assim: ela abria espaço pra falar do terceiro ano e do segundo ano pra nós, né. Pra falar assim, tudo aquilo que era desagradável a ela e à instituição, então ao invés dela falar pros meninos ela falava pra nós, ela falava para dar lição de moral, sabe, então nós percebemos isso logo também e falamos com ela: tem um negócio meio esquisito, o quê que as meninas fizeram de errado? Não falou nada nós escutávamos também, não comentávamos, num, sabe, não, não tomávamos muito conhecimento da aulas dela não.

E.: Pois é, e nisso aí ela não contava as histórias das expulsões que...

L.: ...não...

.E: ...que, que houve nesse período...

L.: ...não...

V.: ...dos mal feitos das outras turmas, quer dizer, das transgressões das outras turmas...

L.: ...não, não, sabe?

V.: Que isso aí não era para servir de lição não.

L.: Lógico. Ela não colocava e também não devia ter muito porque (...) a nossa turma era muito forte. Eram cinco somente, mas cinco muito fortes, então, sabe, é muito difícil isso. Tinha Inês que era um , né, uma pessoa muito experiente, então era, sabe...

V.: ...quê que ela...

L.: ...era difícil ela manipular a gente. Tanto que ela não conseguiu. Ela tentou a vida inteira e não conseguiu manipular a gente.

V.: Ela quem? Quem era a diretora na época?

L.: A diretora irmã Emília [Clarízia], sabe. Então, aí nós tínhamos brigas homéricas, nós tivemos brigas homéricas com ela. Então uma da, a primeira briga foi essa da meia. Então, é, e tinha que ser tratada na aula de, com a irmã Emília, e o único momento que a gente, que tinha jeito de encontrar com ela era na sala de aula porque nós não tínhamos acesso, porque ela não recebia a gente de grupo. Se eu quisesse conversar com ela, ela me recebia.

V.: Sozinha.

L.: Sozinha.

E.: Em grupo, jamais?

L.: (...) Entendeu. Era estudante de psicologia, estava fazendo uma das primeiras turmas de psicologia da católica. Então ela não, ela não iria ,era no gabinete dela, fechado, quer dizer, na, na hora era ela, Deus e eu. Depois era só ela e a, né...

V.: Anh-ahn

L.: ...era só eu e Deus. Então ela não fazia... Aí eu sei que [tosse] nós discutimos e falamos, discutindo que não tinha cabimento a gente usar aquela meia. Se todo mundo usava era meia fina, e porque que a gente ia usar aquele tipo de meia. Inclusive a meia fina, se eu usava meia, a outra meia tinha dificuldade de secar, nem sempre secava e a meia fina num instantinho você enxugava, secava até com a toalha. E era muito mais, tinha uma aparência muito mais interessante, não é? Aí ela falava que ia levar ao conhecimento do corpo docente, para ver se aprovava, não sei mais o que; falamos que nós não íamos usar. E, também a touca. Nós falamos que não íamos usar a touca, que não tinha sentido a toca. Aí nós tivemos que provar pra elas o que a touca ocasionava: “Olha, nós observamos entre alunas do terceiro ano tem gente que nunca lavou está touca. Aquilo é uma fonte de contaminação. Você está num hospital...”

E.: ...vocês foram... pelo, pelo científico? [riso]

L.: Pelo científico, tá. Liderada pela Inês. Porque a Inês ela tinha, ela já, ela tinha feito visitadora sanitária. Então ela, ela tinha uma noção, porque nós não tínhamos noção, não entramos no primeiro ano, nem tinha, né. A Inês falou: “Olha, aquilo é uma fonte de contaminação.” E a gente já também, já tinha [gagueira]...

E.: ...já tinha conteúdo teórico?

L.: Já tinha conteúdo teórico pra isso. Então, falou: “Ô, não tinha sentido, tinha estudado no [livro do] Oto Bier. Então não tinha sentido você usar uma, uma toca daquela.” E nós, nós passamos a acompanhar quem lavava a touca. Nós, mesmo do primeiro ano lavamos toca de várias meninas do terceiro, Inês e eu. Falava: “Fulana, sua touca está horrível. Vou lavar a touca pra você.” A gente lavava a touca, engomava. Então eu fiquei expert em arrumar touca. Porque era uma vergonha a touca do pessoal. Mas a gente, a gente queria argumentar que era e que nós não íamos usar aquela toca, né. E que não tinha sentido a gente, a meia nós não usamos, nós usamos no prime... usamos meia fina no primeiro ano. A touca nós conseguimos tirar no segundo. Nós usamos um, um período de touca.

V.: E o uniforme teve que manter

L.: ...o uniforme sempre. Aí quando foi no segundo ano, nós tiramos a toca, falamos que a toca também estava abolida. Aí falaram que não era possível, que não sei mais o que. Então, aí nós aceitamos até a rede pra segurar o cabelo, pra proteger o cabelo. Mas a touca que não tinha cabimento andar com aquela touca. Ninguém era babá, ninguém era... e não ia usar aquela touca mesmo. Aí aceitaram e tiramos a touca também, né. Então que mais que teve?

V.: Do uniforme mais algum, tinha outro tipo de uniforme além desse...?

L.: Tinha o uniforme de Saúde Pública que era saia azul marinho e blusa branca e uniforme... só. Uniforme pra assistir aula que era uma bata branca. Uniforme de Saúde Pública e esse uniforme branco.

V.: Tinha o de gala, não?

L.: Não, eu não fui dessa turma. Essa turma, [gagueira] olha o nível superior não acompanhou mais procissão. [risos]

V.: Não!

L.: Não acompanhou mais procissão, o nível superior não usou toca!

V.: Não desfilou!

L.: Não desfilou.

E.: Não usou luva!

L.: Não usou luva. [risos] Entendeu? Eu, isso eu só sei das histórias, né, [risos] de Corpus Christi.

V.: Anh, qual história de Corpus Christi que você sabe?

L.: Não, aquelas mesmas que você sabe! [gagueira] que eles iam pra procissão de, na [Igreja da] Boa Viagem né, de, com o uniforme de gala, com a, com a capa, não é? Eu vim a conhecer aquela coisa na [Escola de Enfermagem] Anna Nery depois enquanto professora da

escola, já. Que teve um velório na Anna Nery que teve guarda lá de... fizeram uma escala de enfermeiras lá pra, no velório com uniforme de gala.

V.: Mas veja, enquanto você era aluna do, assim do primeiro ano você não chegou a ver as alunas dos outros períodos usando esse uniforme, do segundo e do terceiro, nestas festividades.

L.: Não teve mais não.

V.: Desde que vocês entraram... outras alunas [também] acabaram... também não...

L.: ...não teve mais não...

V.: ...não usaram? Hum-hum.

L.: Sabe? Não teve não. Era bem antes disso. Sabe que foi interessante a mudança que teve, né, em relação ao curso superior. Sabe?

V.: Que outras mudanças você observou além dessas que você já colocou? (...)

L.: Teve a mudança também, parece que o fato de ter vindo pra cá, [para o prédio perto da escola de medicina] a gente freqüentava o DA. Então, antes parece que a comida, eu não sei onde que o pessoal comia, antigamente. Antes, primeiro e segundo ano. Quando mudou pra cá, então a gente usava o DA. Então o ambiente de refeição passou a ser o mesmo da medicina, né.

E.: Tinha uma história do DAMAR [Diretório Acadêmico Marina Andrade Rezende], contabilizar e pagar as refeições; você se lembra disso e pra quê que era isso, como é que era feito isso?

L.: Não. Isso deve ser bem depois que eu formei, né. Porque... na época...

E.: Você formou quando?

L.: Eu formei em sessenta e quatro. Era anexada ainda.

E.: É, aqui está contando como sendo em sessenta e quatro.

L.: Não!

V.: Talvez essas refeições que vocês faziam lá tivessem uma contabilidade que vocês ainda não sabiam como que era feito, né?

L.: Não era o DAMAR, [gagueira] isso deve, devia ser... na verdade eu acredito, eu não sei, isso aí eu nunca, nunca tive acesso a isso aí, nunca tive informação. Mas eu acredito o seguinte, como o curso de enfermagem era um curso em que era um curso da medicina, a medicina devia receber verba pra poder sustentar cada aluno. Então, isso era tudo era pago também pela medicina, né? Porque a escola era anexada à medicina.

V.: Ô, ô, Luzia, no seu tempo...

L.: ...cada aluno tinha um custo, então aí que...

V.: Pode ser que seja isso mesmo?

L.: É. Mas não era o DAMAR não, porque não tinha o DAMAR ainda nessa época.

V.: É!

L.: E verba não vinha, quer dizer, na verdade a medicina devia pagar o, o diretório acadêmico da medicina.

V.: Da própria medicina.

E.: Só voltando ainda nessa história do DAMAR eu tenho uma informação aqui que a Delba, você se lembra da Delba?

L.: Lembro. Ela foi minha aluna.

E.: Foi candidata a vice-presidência do DA. Significa que foi vice-presidente do DA da medicina? E perdeu.

L.: Não! Foi não! Foi daqui da escola.

E.: Pois é, isso consta como sessenta e três.²

L.: Não, está errado.

E.: Está errado?

L.: Totalmente errado. Ah! A Delba, do terceiro ano!

E.: Em sessenta e três ela foi candidata a vice-presidente e perdeu....

L.: ...foi...Perdeu.

E.: Então o DA já tinha sido criando.

L.: De lá, do DA da medicina.

E.: Ela foi candidata no DA da medicina.

L.: De lá, da medicina. A Delba, eu pensei era outra Delba. Não a Delba moreninha que namorava... ela foi candidata porque ela namorava um estudante de medicina na época.

E.: Ah, sim.

L.: Tinha uma vinculação.

V.: Mais o que da Delba que você sabe? Que você se lembra?

L.: Dessa Delba moreninha?

V.: Delba Nepomuceno. É.(...)

L.: Ô, eu não lembro mais nada não.

E.: Você não ficou sabendo de uma suspensão dela não?

L.: Ah, se lembro! Fiquei.

² Formada em 1963

E.: Você se lembra porque? da história?...

L.: Não lembro...porque não. O quê que foi a história? Foi de namorado não foi não? Eu não lembro mais não.

V.: Não teve grande repercussão na sua turma, grande discussão da sua turma, né?

L.: Não! Eu não falei pra você, a gente era protegida.

E.: Desse tipo de informação?

L.: Era.

V.: Protegida no sentido de... escondidas.

L.: ...claro! Protegida pra poder... e, e eu desconfio que nós, eu, nós ficamos sabendo não foi pelas, pelas informações oficiais da escola não, foi por terceiro. Foi a Inês é que descobriu a história da Delba e passou pra nós, sim a informação.

E.: Como é que é, e, significava então que, por exemplo, vocês viviam no internato mas viviam separadas das outras...

L.: ...não, não, não.

E.: ...como é que funcionava o internato?

L.: Porque na verdade, no internato, quando nós entramos no segundo, no primeiro ano tinha, estava o terceiro ano, mas o terceiro ano...(...)

E.: ...ficava o segundo e o terceiro...[sobreposição de vozes]

L.: ... Não, nós entramos em sessenta e dois...

V.: Hum.

L.: ...em março de sessenta e dois. Aí estava saindo...

[FINAL FITA 1, LADO B]

FITA 2, LADO A

V.: Bom, retomando a história da Delba.

L.: A Delba, a Delba, ela teve uma suspensão foi por ca... por uma, uma, uma desobediência, porque de... deixa eu voltar. A questão da desobediência era o seguinte: o internato você tinha o direito, durante a semana você podia chegar, acho que até nove horas da noite. A portaria ficava fechada, a portaria fechava às nove horas. E, e durante a semana ... e no sábado e domingo você podia parece que dormir fora dois domingos ou dois sábados no mês, tinha uma história assim, não to... não estou lembrada muito bem. E... como é que é a história? É agora na verdade a portaria fechava às nove horas, tinha, quem morava no internato era dona

Itália [Clarízia] - que era irmã da diretora - e dona Itália tomava conta da portaria. Acontece que, muitas vezes, a dona Itália ia dormir e quem ficava tomando conta da portaria ou era Noemi ou era Inês ou era eu. Tomando conta, não, a gente ficava na biblioteca estudando até tarde, então ela passava a chave pra gente. Ela falava assim pra gente... Lá embaixo tinha um livro e no livro sabia quem estava de fora, então quando a gente ia fechar a portaria nós olhávamos no livro.

E.: Que pena que este livro ahh... sumiu, né?

L.: A gente tinha que assinar a saída e a chegada. Então, a hora que a gente voltava, hora que a gente ia fechar a por... fechar a porta a gente dava uma olhada no livro, quem, quem não chegou ainda a gente checava, então falava: “Então, tem três pessoas que está na rua ainda.” Então tudo bem. Então a gente ficava na biblioteca estudando, elas tocavam a campainha a gente descia e abria. Agora se... era problema delas se elas quisessem colocar que chegaram às nove horas tudo bem, se elas quisessem colocar que chegou nove e trinta ou dez horas, nós não tomávamos conhecimento.

V.: Dona Itália já era mais idosa nessa época? Ou é, ou ia dormir cedo mesmo?

L.: Ela ia dormir cedo, dormir cedo assim nove, oito e meia, ela ia pro quarto dela pra rezar.

V.: As freiras não dormiam aqui, Luzia?

L.: Não, não, não, não. Era só a diretora, que era a irmã Emília, a dona Itália que é hoje onde é a sala... aquela... quarto que tem aquele banheiro lá, sala de professor que tem aquela banheiro?

V.: Em frente do elevador?

L.: Não.

V.: Ah!

L.: Ali, do elevador, era a irmã Emília. Agora onde é a sala da Mônica Canhestro[sala 316]?³

V.: Sim.

L.: Ali no DEB [Departamento de Enfermagem Básica].

V.: Sei.

E.: Não. Ali não tem banheiro, não, tem... [gagueira]...

L.: Tem.

V.: Por dentro.

³ Esta área era, até final dos anos 1990, composta de duas salas contínuas; a segunda tinha instalação sanitária e banheiro. No tempo das freiras, a primeira era uma sala de visita e segunda era a clausula. Posteriormente foi secretaria e chefia do DEB e sala de professores.

L.: Aquela de dentro.

E.: Ah, tá, esqueci!

V.: É a de dentro, onde era a [gagueira] chefia de... não, sala do... de secretaria do in... do departamento que tem banheiro.

L.: Não a outra que tem banheiro. Aqui está a sala da secretaria que tem um banheiro de cá que tem uma janela [mostra desenhando], aqui tem a sala da [professora] Mônica...

E.: [inaudível].

V.: ...que tem uma banheira.

L.: Que tem uma banheira aqui.

V.: As duas têm.

L.: Uma banheira.

V.: As duas têm banheira, nas duas têm banheira.

L.: Ah tem, tem banheira...

E.: ...as duas têm banheira...

L.: ...tem razão. Mas ali, a dona Itália [Itália Clarízia], aqui, aqui que era o quarto da dona Itália, no segundo, né, que ali a gente chamava...

V.: ...já era terceiro ano...

L.: ...hoje.

V.: Que é terceiro ano lá hoje...

L.: ...é, é. E, e, e o internato era aqui [toques mostrando o desenho]...

V.: ...no quarto andar...

L.: ...então, quer dizer, num, a gente abria a porta caladinha e, o, o, o, até pouco tempo eu estava lembrando dessa estória. E muitas vezes a gente tinha preguiça de descer, então a gente ficava estudando até mais tarde na biblioteca, então, quando tocava a campainha, elas tocavam a campainha, o quê que a gente fazia: a gente...

E.: ...jogava a chave...

L.: ...descia, a gente não descia do terceiro andar, onde é o CTE hoje ⁴[Centro de Tecnologia Educacional] que era o refeitório da gente, nós tínhamos uma latinha [risos] nós, botava a chave dentro da latinha, tinha uma cordinha na latinha, então a gente descia a latinha lá embaixo, elas pegavam a chave e pronto, e entravam.

V.: Hum-hum.

⁴ No tempo do internato era utilizado como refeitório; como laboratório de disciplinas do ICB [Instituto de Ciências Biológicas].na década de 1970, posteriormente como cantina.

L.: E aí elas traziam, subiam e botavam a chave, tinha o lugar certo de guardar a chave também. Era uma mesinha que tinha, ficava debaixo, já tinha o lugar de guardar esta chave, não estou bem lembrada hoje onde que é. Então a gente usava isso. E se... porque nós tomávamos conta da portaria? Porque nós ficávamos na biblioteca até tarde estudando...nós não deitávamos cedo. Então dona Itália pedia, geralmente para a Inês ou pra mim ou pra Noemi, uma das três. Ela pedia, sabe?

V.: [tosse]

E.: E como é que era essa rotina...noturna ou diurna do, de, de estar no internato?

L.: De estar no internato? Era interessante. Era bastante confortável. Confortável assim, para nós era confortável, né? Porque tanto para Noemi, quanto para Inês, quanto para mim, porque a gente estava aqui para estudar, então a gente ficava até tarde, a gente tinha acesso à biblioteca, ficava até tarde na biblioteca, tinha lugar pra gente estudar, e, de manhã era fácil, porque a gente tinha que levantar muito cedo para poder pegar, a gente pegava sete horas nas clínicas; quando a gente estava no bloco cirúrgico, às vezes seis horas da manhã a gente estava na sala de cirurgia, que é preparar sala, jamais a gente chegava sete, cirurgi... cirurgia que che... começava sete horas a gente chegava até cinco e meia da manhã pra preparar tudo, né, pra deixar tudo ok, então, então era fácil, né. Agora, eu fui interna só no primeiro ano... agora como que elas conseguiam...

V.:...foi só no primeiro ano?

L.: Foi. Só no primeiro ano. No primeiro e no...não, no primeiro e no terceiro. (...) É. Foi só. Que aí a minha família veio para cá e eu já saí do internato.

V.: ...no...

E.: ...e como que elas conseguiam manter de alguma forma vocês isoladas das outras, apesar de habitarem no mesmo lugar?

L.: Não, não, isoladas que eu falo em relação a informação de, de coisa porque, porque dentro aqui, dentro do, do, do, do internato não, dentro do internato nós sabíamos de tudo, quer dizer, sabíamos porque os, as, as, as meninas do segundo ano contaram pra gente. Fa... faziam as fichas como era o professor, como era, né? história de aluno. Como é que, a gente quando ia pro, pro estágio como era tal lugar, quê que a gente tinha que fazer lá. A gente pedia informação. E, e o lugar das informações era na lavanderia onde é aqui, faz o café [inaudível] ali que a gente lavava roupa. Por isso que tinha aqueles dois tanques.

V.: Ahn!

L.: Ali que era a lavanderia. Então, geralmente no sábado e no domingo a gente lavava roupa.

E.: Aqui no quarto andar?

L.: No quarto andar!

V.: E quem que lavava a roupa de vocês, quem...

L.: ...nossa roupa...

V.: ...que roupa lavava?

L.: ...de cama.

V.: Não tinha a Zulmira, as pessoas que lavavam?

L.: Não. Elas lavavam o uniforme.

V.: Ah! E quem, e as...

L.: ...toda a roupa pessoal a gente é que lavava.

V.: Roupa de cama vocês traziam, como que era isso?

L.: Toda a roupa de cama era nossa. Roupa de cama era da gente, trazia tudo...

V.: ...de casa?

L.: De casa. E a gente lavava a roupa de cama.

V.: O quê que a escola dava pra vocês?

L.: Dava a água.

V.: Oferecia?

L.: Oferecia a água.

V.: E o uniforme?

L.: Não, o uniforme também era a gente que fazia.

V.: Vocês pagavam?

L.: Pagávamos. A gente já trazia o uniforme pronto. A escola não oferecia, não.

V.: Dava o modelo e vocês pagavam?

L.: Só o modelo. Ela lavava e passava o uniforme.

V.: Que vocês davam pra elas?

E.: E vocês lavavam a roupa pessoal?

L.: Só a roupa pessoal.

E.: Vocês que passavam?

L.: E passava.

E.: E punha aonde?

L.: Tinha secador.

E.: Ah, sei!

L.: Era lavanderia ali. Todos, todos os andares, se bem que eles fizeram lavanderia em todos os andares. Aqueles, todos os andares que tinham quarto. Que é o quarto e o quinto [andares].

E.: Certo.

L.: Ali era lavanderia. Tinha, eram dois tanques, era uma pia e um tanque, eles desmancharam o tanque. O tanque em que a gente deixava balde. A gente... cada uma tinha um balde, a gente punha a roupa de molho no balde e lavava. A gente olhava a hora que estava livre a lavanderia, tá. E passava também. Tinha a mesa de passar do mesmo jeito, uma mesa com, com, a gente tinha o ferro elétrico. A escola não dava ferro também, não.

E.: Você não tem uma idéia de quantas nessa época que você foi interna, de quantas tinham, de quantas pessoas tinham no internato?

(...)

L.: Na época que eu fui interna devia ter umas trinta pessoas no máximo, sabe? Porque depois, depois que eu saí... O internato fechou em que ano?

V.: Sessenta e oito.

L.: Sessenta e oito, né. Quer dizer, aí eram turmas maiores, já começaram turmas maiores, né.

V.: A, a, a...

L.: ...primeiro, segundo e terceiro.

V.: Nessa época que você morava aqui não tinha nenhum professor que morava junto no internato?

L.: Não.

V.: A Carmelita já não morava mais no internato?

L.: Ninguém morava no internato. Apenas Yole [de Carvalho Massoni] e [Maria] Vitória [da Silva] elas tinham um quarto que elas ficavam aqui até tarde estudando, sabe? Mas elas não moravam aqui não. Era um quarto que elas tinham aqui. Elas saíam daqui até tarde, mas a gente nem, nem sabia que elas estavam aqui. Elas ficavam trabalhando, corrigindo trabalho! Elas tinham um quarto no finalzinho, aquele quarto onde é hoje, nesse andar mesmo do lado de lá, era o quarto delas, tá? Aqui no quarto andar.

V.: Ô, ô, ô Luzia, você já falou como era esse cotidiano, né, e, e, e das meninas saírem pra namorar, mas e como é que vocês faziam...

L.: ...agora sair pra namorar eu não falei não. Sair pra namorar era interessante, porque era permitido namorar aqui. Tinha uma sala...

V.: ...ah!

L.: Era permitido namorar aqui. Então, assim, tinha uma sala lá embaixo, o salão, com dois jogos de estofado, uma televisão e um piano.

V.: Onde é a sala...

L.: Então, quem namorava nessa sala, a gente inclusive, a gente ia muito lá pra sala pra ver televisão, mas quem namorava muito nessa sala era a Delba, a Delba, a Guiomar [Marques] né. A Guiomar não saía, ela namorava aqui. E eles ficavam até nove horas, nove e meia. Tinha dia...

V.: ...os namoradinhos?

L.: Os namorados.

V.: Quem, alguém ficava junto, lá olhando? Era livre?

L.: Livre.

V.: E o piano, alguém usava?

L.: De vez em quando alguém usava. [gagueira] o piano era lá pra usar.

V.: Essa sala é onde que é o salão, o salão nobre hoje?

L.: Não. Essa sala é onde hoje é o gabinete, é o colegiado de graduação e a vice-diretoria.

E.: Hum-hum.

V.: Quê que mais tinha nesse segundo pavimento, Luzia?

L.: Ali embaixo, ali embaixo era assim, ô. A onde é, ali era muito interessante. Era assim, deixa ver se eu lembro [desenha o segundo pavimento], aqui era a sala de estar, né? Onde é o colegiado, aqui que é a diretoria que tem aquele corredor aqui, ô, aqui a sala de técnica. Aqui era uma unidade do paciente, eles fizeram uma sala de técnica como a unidade do paciente, por isso que tem aqueles três armários aqui, ô. Aqueles três armários que tinha no canto aqui, é onde que ficava guardado, que é a diretoria hoje, que ficava guardado o material de... de técnica.

V.: Qual material?

L.: Material de técnica. Aqui, vocês lembram da pia que tinha aqui? Tinha uma pia, a gente chegava aqui, a gente... aqui era o expurgo, a gente... lava... a gente desenvolvia vinha aqui e lavava todo o material aqui.

V.: Ah!

L.: Aqui que era o expurgo.

E.: Ainda tem uma pia lá, não tem, não?

V.: Tem, tem, tem, tem.

L.: De dentro. Mais aquela pia de dentro ali é da unidade, era da unidade do paciente.

L.: Dependendo do material.

E.: É. Debaixo da janela, né? Material contaminado, acho que a gente levava pra cá, tinha umas divisões assim, entendeu? Do lado de cá, aqui onde é a secretaria hoje, aqui, ô, era um apartamento, vocês lembram que tinha um banheiro aqui, vocês lembram?

V.: Hum-hum.

L.: É aqui era um apartamento. E aqui, agora eu lembrei o quê que era isso aqui, era a capela.

(...)

V.: Onde que é o...

L.: ...auditório...

V.: ...auditório [Maria Sinno] hoje.

L.: É, tá? Aqui era a capela.

E.: Essa capela, eu acho que quando nós estudávamos, essa capela era aí não era não?

V.: Do lado de cá.

L.: Aí depois ela passou pra cá.

E.: Ah, era mesmo.

L.: A Yole passou pra cá, pra poder fazer o auditório aqui.

E.: Tá.

L.: Tá? A Yole passou a gabinete dela pra cá. E aqui, o quê que era? Por isso aqui foi construído pra ser a capela, e isso aqui foi construído pra ser, e que era realmente, que era o, o, o coisa do, do, do padre.

V.: Do padre.

L.: Um apartamentozinho pro padre. Só que quando, tem um detalhe importante que eu esqueci de contar. Quando a Noemi, quando no, no primeiro ano que nós viemos pra cá a Noemi teve hepatite, sabe? Teve hepatite, e ela ficou nesse apartamento aqui..

V.: Isolada?

L.: Isolada. Quem cuidou dela foi a, a, a, a Noemi, a, a, a, a Noemi, a, a,. Não..., não... como que ela chama? (...) Nívea Noemi, que cuidou dela, que era professora nossa de doenças transmissíveis. Então, a Noemi ficou internada aqui. E a gente que cuidava dela com toda a técnica de isolamento. A, a Noemi ficou internada aqui e tinha uma aluna do terceiro ano cuidando dela; [tinha também] uma do segundo, e a gente ia pra fazer [gagueira] ficar de companhia porque a gente não tinha ainda, é, é, informação suficiente pra cuidar.

V.: Cada dia era uma aluna que ficava? Não tinha uma específica, não?